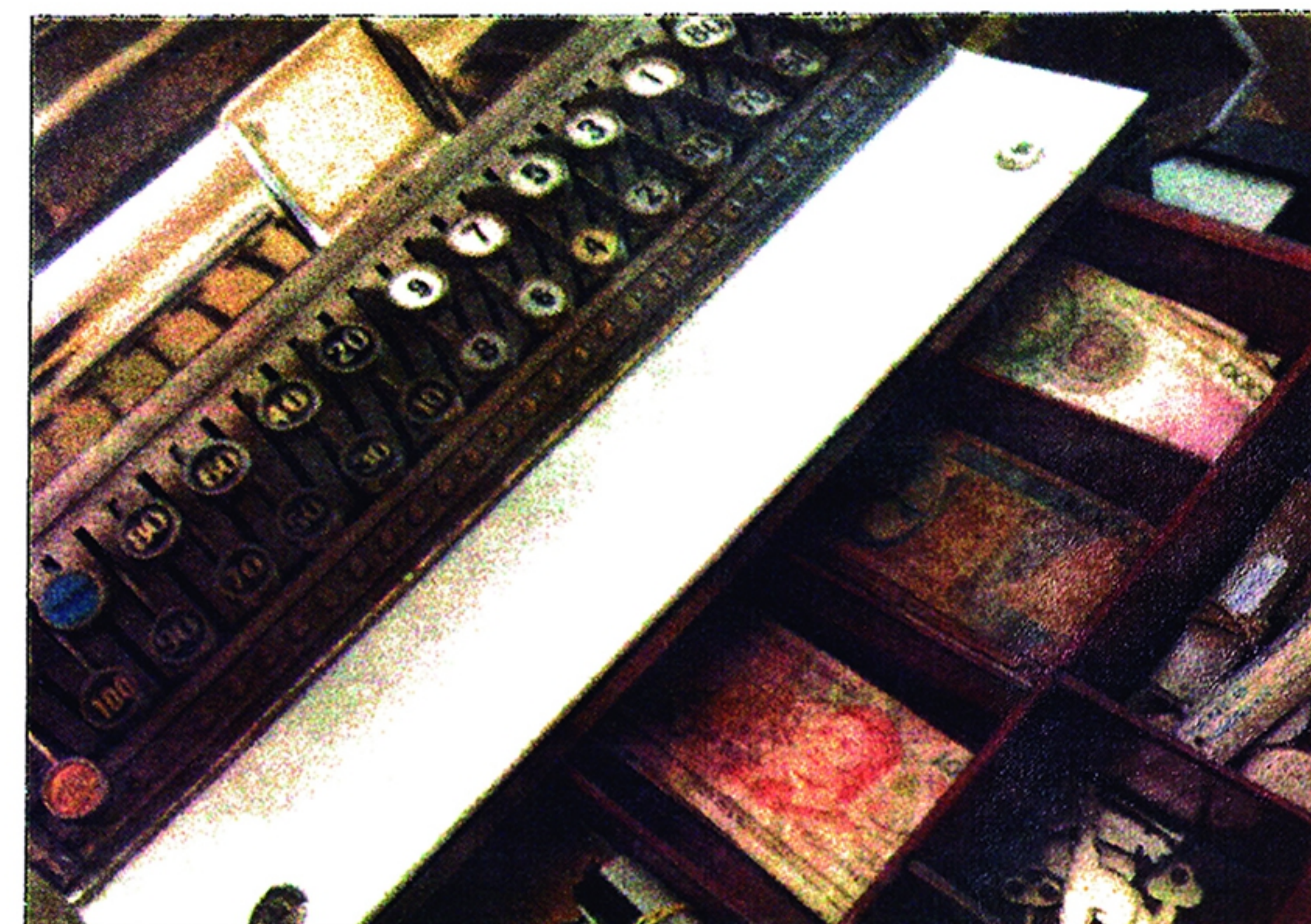
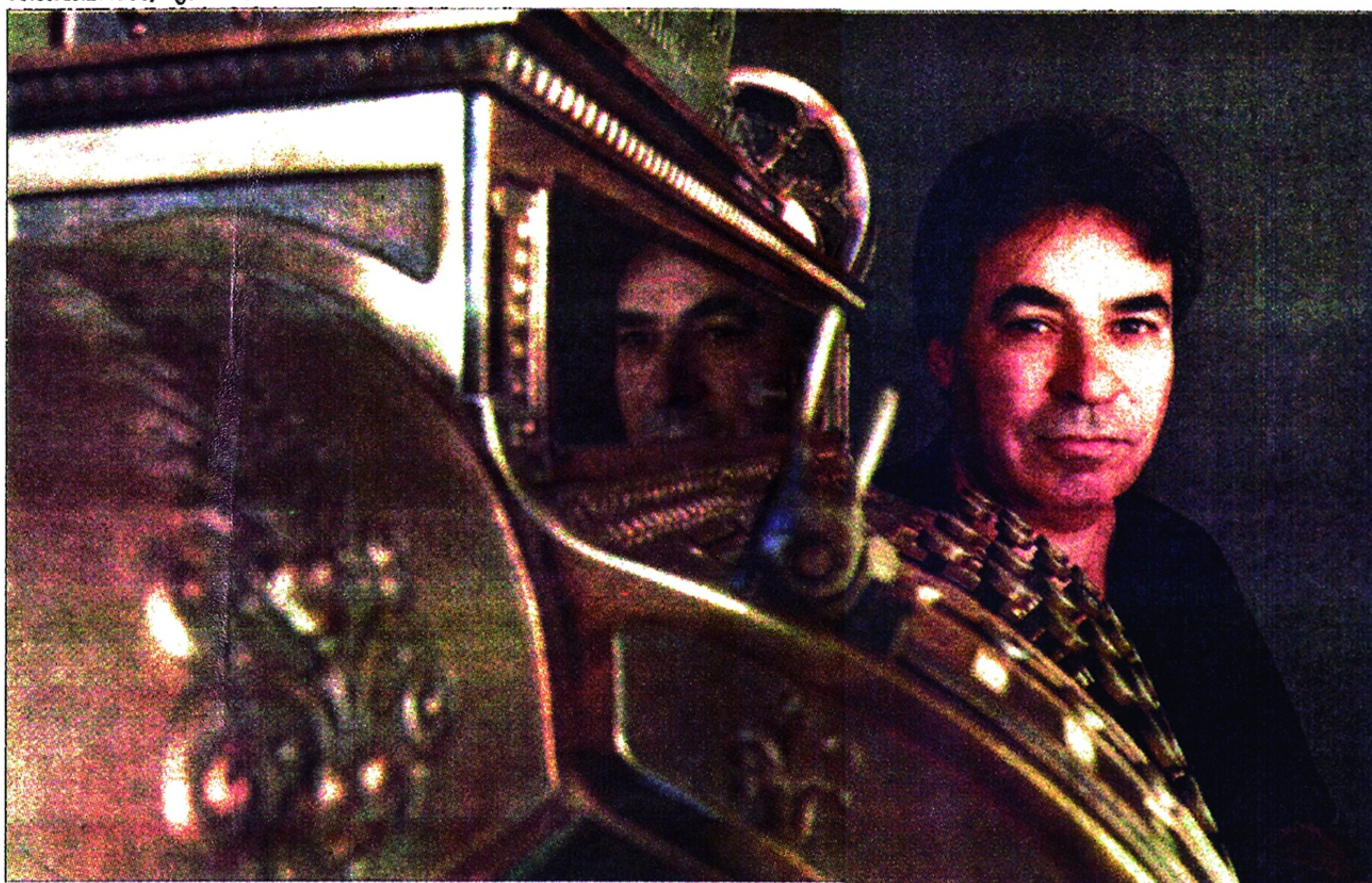




Joaquim Cordeiro de Souza, da Nacional Registradora, aparece na foto com uma National de 1908; ele ainda preserva modelos como a National da classe 300, de 1916 (detalhes à esq.)

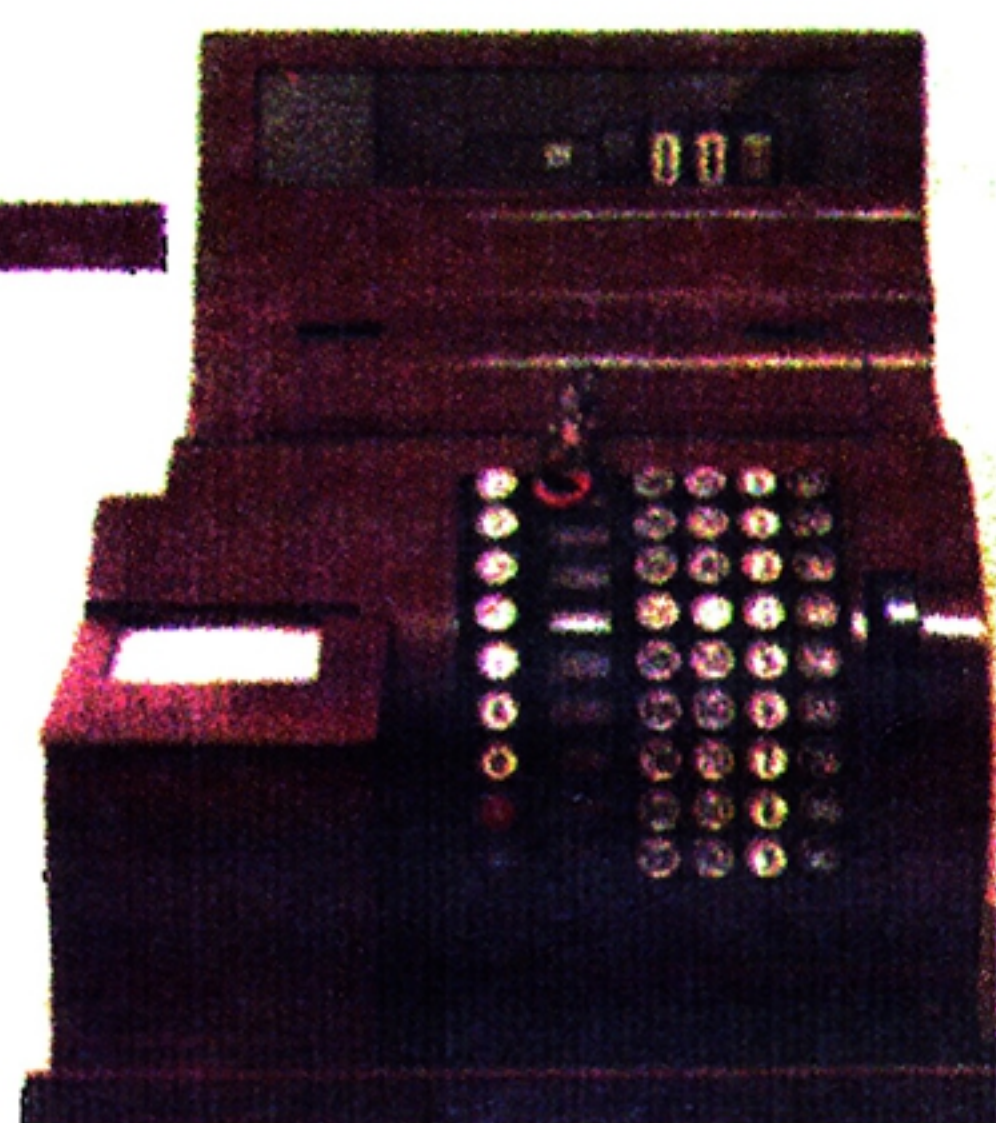


de Manoel Graças, o fundador da empresa.

Entretanto, o sócio, muito apegado ao passado, ficou reticente na hora de modernizar o estoque e passar a oferecer também os modernos produtos informatizados. Joaquim então decidiu assumir toda a empresa e iniciar, com os filhos, uma nova fase onde a tecnologia de ponta e o passado convivem em harmonia.

"Por enquanto ainda estou cuidando da administração e vendas, mas em breve espero fazer só o que mais gosto, que é desmontar as registradoras inteiras e remontar, deixando-as como eram originalmente", diz Joaquim, exibindo orgulhoso várias raridades seculares do acervo da loja, que costumam aparecer em filmes e novelas. (RM)

Registradora National 1090, de 1949



Primeiras registradoras não sabiam fazer troco

Feitas em bronze niquelado, com base em madeira de carvalho, elas pesavam cem quilos e eram necessárias de três a quatro pessoas para carregá-las. As primeiras caixas registradoras fabricadas em escala comercial surgiram nos Estados Unidos em 1885, com a fundação da NCR (National Register Company), em Dayton, Ohio.

Apesar do tamanho, essas máquinas conseguiam apenas somar e dar o valor total de uma compra. O troco ficava por conta do operador. As primeiras registradoras "inteligentes" só surgiram em 1950 – as eletromecânicas Crossfooter, que incorporaram um sistema alemão de troco.

A partir daí, a evolução das funções e a redução do tamanho das registradoras tornou-se uma constante, especialmente após o advento dos sistemas computadorizados, que permitem a leitura dos preços via scanners de mão, através dos códigos de barras nos produtos, reduzindo a margem de erro por digitação dos números.

Joaquim Cordeiro de Souza, atual proprietário da A Nacional – revendedora e assistência técnica de caixas registradoras com 67 anos de tradição no mercado paulistano –, conhece como a palma da mão os segredos dessas engrenagens centenárias. Metalúrgico de formação, aos 21 anos

ele entrou no curso de formação de aprendizes da NCR do Brasil, foi aprovado em primeiro lugar e tornou-se especialista no conserto dessas máquinas.

Era natural que acabasse trabalhando para a tradicionalíssima A Nacional, onde, há 12 anos, acabou virando sócio dos herdeiros



Máquina National, modelo 542, de 1908